

A Economia Solidária como forma de Emancipação Social: Um Estudo dos Catadores Associados a uma Cooperativa de Piracicaba/SP

Resumo: As desigualdades socioeconômicas são o reflexo do modelo capitalista no qual a sociedade se desenvolveu, especialmente em países em desenvolvimento. A cultura do consumo em massa, evidenciou as assimetrias sociais, constituindo símbolo de poder aos mais abastados economicamente e de exclusão para os menos favorecidos. Tais contradições levou alguns indivíduos a dependerem de resíduos sólidos da cultura do consumo, impulsionado por um modelo linear de produção, consumo e descarte, sendo a única forma de sobrevivência a catação de materiais recicláveis. Considerando esse contexto, este estudo buscou compreender a efetividade real das políticas públicas existentes para alcançar as metas de redução das desigualdades socioeconômicas enfrentadas por indivíduos que trabalham com material reciclável. Para o desenvolvimento deste estudo foram considerados os conceitos da economia solidária no contexto específico das cooperativas de materiais recicláveis. Portanto, para compreender a percepção da efetividade factual das políticas públicas relacionadas aos indivíduos que trabalham com materiais recicláveis, realizou-se uma entrevista semiestruturada a 7 sujeitos de pesquisa pertencentes a uma cooperativa localizada no município de Piracicaba/SP, sendo utilizado o método da análise de discurso para interpretação dos resultados. A partir da análise da percepção dos entrevistados, pode-se ressaltar a necessidade de maior apoio político para alcançar melhorias sociais e econômicas, sendo apontadas duas principais formas para alcançá-las: acordos justos com órgãos públicos (Prefeitura) para obtenção da quantidade de material reciclável que ofereça estabilidade econômica para os cooperados e consolidação de alianças com outras cooperativas, na busca de transformação da atual realidade dos catadores cooperados.

Palavras-chave: Economia Solidária; Cooperativismo; Catadores

1. Introdução

As discussões sobre os discursos hegemônicos de poder vêm se tornando cada vez mais frequente na atual sociedade. O desenvolvimento do sistema capitalista potencializou a competição intensificada entre diversos atores, gerando assimetrias sociais construídas ao decorrer do seu processo. Algumas tentativas para mudar esse paradigma foram observadas desde meados do século XIX, como o movimento cooperativista feito pelos operários que buscavam a sua emancipação do modelo econômico dominante (Bhowmik, 2002).

O modelo proposto pela economia solidária é uma alternativa que busca o fortalecimento de um grupo de pessoas por meio da associação, com o objetivo mútuo de cooperação em detrimento à competição. Nesse sentido, foram formadas as cooperativas em diversos setores, sendo um caso especial o das cooperativas de catadores de material reciclável, devido ao significado social representado por esses indivíduos (Singer, 2002).

Geralmente a comunidade dos catadores é formada por pessoas que foram excluídas do sistema imposto pelo capitalismo, visto que, muitas delas tiveram poucas oportunidades em todo o seu desenvolvimento como cidadão, desde acesso a moradia até a educação, levando-as a pertencerem ao grupo dos mais marginalizados da sociedade (Carvalho et al., 2020). Muitos vivem nas ruas, sobrevivendo no limite com o pouco que ganham.

A tentativa de inclusão sócio-produtiva da categoria dos catadores é desigual, visto que, pertencem ao elo mais fragilizado da indústria da reciclagem (Figueiredo et al., 2020). Esse

mercado é ditado por poucos compradores e muitos vendedores, logo os preços praticados pela reciclagem são influenciados por um pequeno grupo que detém o poder de mercado, impondo aos catadores preços irrisórios na comercialização dos produtos (Arantes & de Oliveira Borges, 2013; Bosi, 2008).

Além disso, os catadores que conseguem ser inclusos em cooperativas ainda vivenciam condições de trabalho precárias. O corpo é utilizado como principal instrumento de trabalho, visto que manuseiam produtos de alta periculosidade, além de carregar pesos excessivos e realizarem movimentos repetitivos no seu cotidiano de trabalho (Basso & Silva, 2020).

Geralmente, o movimento cooperativista se une para conseguir melhores condições sociais e econômicas, reivindicando do poder público o apoio da infraestrutura para exercerem suas atividades. Esses movimentos contribuíram para a inclusão dos catadores na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), criada em 2010 e que tem como objetivo determinar as diretrizes do gerenciamento dos resíduos gerados pela sociedade, estabelecendo objetivos para minimizar as desigualdades sociais enfrentadas por esses indivíduos (Brasil, 2010).

Tendo em vista a problemática envolvida no contexto dos catadores, este estudo tem como principal objetivo compreender qual a efetividade factual das políticas públicas para alcançar as metas de redução das desigualdades sociais enfrentadas por esses indivíduos. Além disso, os objetivos específicos buscaram compreender a percepção dos cooperados em relação ao significado e impacto socioeconômico da cooperativa na vida deles, assim como os aspectos positivos e negativos de se trabalhar em uma cooperativa de material reciclável.

2. Referencial Teórico

2.1 Economia solidária: o caso dos catadores de materiais recicláveis

Os avanços técnicos característicos das revoluções industriais possibilitaram o estabelecimento do sistema capitalista, proporcionando um processo de urbanização, impulsionado pelo desenvolvimento econômico obtido através das acumulações de capitais (Rattner, 1979; Singer, 1975). Por outro lado, esse desenvolvimento gerou uma série de contradições sociais, as quais levaram a conflitos e movimentos contrários ao modelo capitalista, surgindo, por exemplo, o cooperativismo, impulsionado pelas lutas sindicais e político-partidária, fruto do movimento operário (Gaiger, 2013).

A origem da cooperação foi evidenciada em meados do século XIX, com a reivindicação operária por melhores condições econômicas e sociais. A cooperativa de Rochdale foi a pioneira, criada em 1844, por tecelões desempregados e que se articularam para oferecer produtos de consumo a preços justos (Bhowmik, 2002). Esse período foi marcado pela participação de intelectuais, como Robert Owen, Charles Fourier e Saint-Simon, considerados os clássicos de uma corrente socialista que ficou conhecida como o Socialismo Utópico (Singer, 2002).

Na segunda metade do século XIX e durante o século XX as discussões passaram a ser observadas por outras lentes, principalmente pelos trabalhos desenvolvidos por Marx e Engels, conhecida como o socialismo científico, no qual buscaram analisar de forma crítica e científica o sistema capitalista. Em relação ao cooperativismo, os autores não desenvolveram em suas obras uma análise sistemática, apenas algumas referências, em parte favoráveis ao movimento cooperativista (Bottomore, 1988).

Marx acreditava que as cooperativas não eram capazes de transformar o paradigma capitalista, e algumas vezes, se igualavam ao modelo de sociedades anônimas burguesas, porém, incentivava os operários a participarem do movimento cooperativista (Gaiger, 2013). Nessa perspectiva, as obras de Marx buscavam examinar, principalmente, a emancipação da classe trabalhadora dos meios dominantes e hegemônicos da época (Bottomore, 1988).

Esses movimentos originados nos meados do século XIX são as raízes do que atualmente passou a ser conhecido como Economia Solidária. O modelo capitalista dominante na sociedade, caracterizado pela competição nos mais variados níveis, gerou assimetrias sociais, as quais podem ser minimizadas pela economia solidária, que tem como princípio a cooperação em detrimento a competição (Singer, 2002).

As cooperativas podem ser divididas em três finalidades principais: i) cooperativas de produção de bens e/ou serviços; ii) cooperativas de consumo e iii) cooperativas de crédito. Desse modo, a *cooperativa de produção de bens e/ou serviços* é caracterizada pela produção compra e venda de produtos e ou serviços e os retornos gerados são apropriados pelos próprios trabalhadores, a *cooperativa de consumo* busca melhorar as condições de compra de bens e serviços dos seus associados, já a *cooperativa de crédito* proporciona assistência financeira aos seus cooperados (Pontes, 2004).

As cooperativas de produção de bens e/ou serviços geralmente exercem como atividade principal a venda dos produtos resultantes da produção dos trabalhadores (Pontes, 2004). Um caso especial desses tipos de cooperativa apresentado por Singer (2002) é a dos catadores de materiais recicláveis, devido ao seu significado social:

Recolher material reciclável entre os dejetos é o meio de vida que resta aos que a exclusão social degradou ao máximo. [...] Sendo extremamente pobres, são explorados pelos sucateiros, que lhes adiantam dinheiro para poderem subsistir em troca da entrega do material coletado a preços vis. A única defesa é *a união que faz a força*: a cooperativa. A cooperativa possibilita compras em comum a preços menores e vendas em comum a preços maiores. Sendo entidade econômica e política, a cooperativa representa os catadores perante o poder público e dele reivindica espaço protegido para armazenar e separar o material recolhido e financiamento para processar parte do material separado, agregando-lhe valor. A cooperativa é uma oportunidade de resgate da dignidade humana do catador e de desenvolvimento da autoajuda e da ajuda mútua, que permite constituir a comunidade dos catadores (Singer, 2002, p.89).

No contexto nacional, as empresas solidárias derivaram de contextos de falência de empresas privadas, subutilização do solo por latifúndios e do desemprego em massa (Singer, 2002). Nesse sentido, uma parcela dos indivíduos que não conseguiam se realocar no mercado de trabalho formal, passaram a viver nas ruas em condições precárias e uma das formas de sobrevivência era pela venda de materiais recicláveis, sendo que a partir de um determinado momento, esses indivíduos perceberam que ao se unirem, conseguiriam resultados mais vantajosos (Magni & Günther, 2014). Os catadores, por exemplo, começaram a se associar em cooperativas na década de 1980 (Silva de Souza Lima & Mancini, 2017).

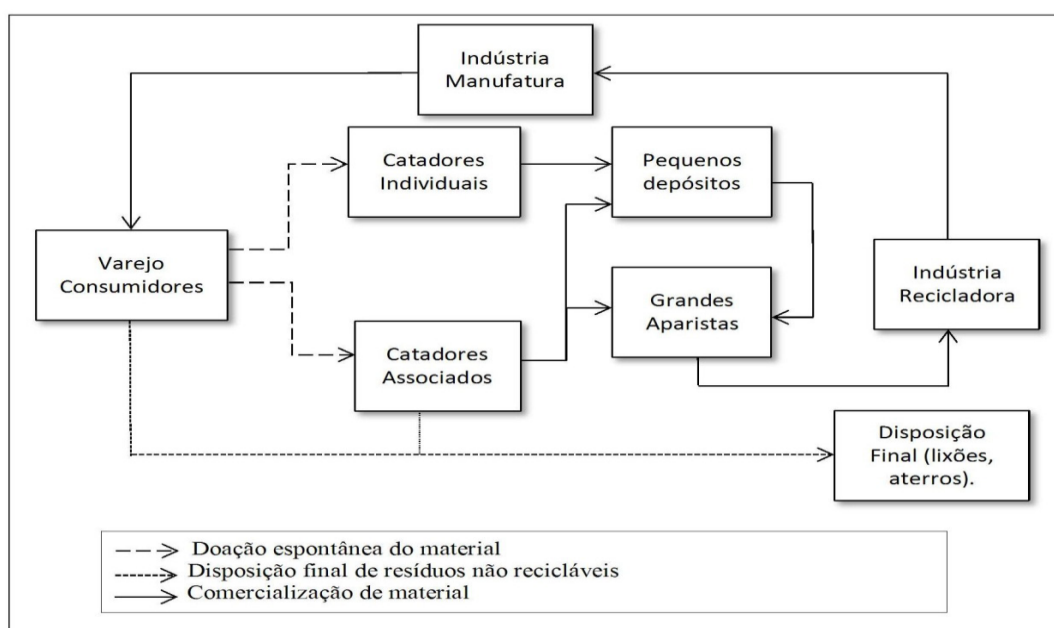
O movimento nacional dos catadores se desenvolveu principalmente entre os anos 1990 e 2000, caracterizado pelo aumento de associação de catadores em cooperativas, sendo um marco a criação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) no início dos

anos 2000, a qual foi formalizada no 1º Encontro de Catadores de Papel, realizado em Belo Horizonte – MG (Pereira & Teixeira, 2011; Bortoli, 2013).

Os catadores se organizam por meio de ação social, caracterizada pelos movimentos que visam tanto as melhorias em termos de representação política com o objetivo de reconhecimento social e direitos de cidadania, quanto em termos econômicos-produtivos por meio das associações e/ou cooperativas. A maioria dos participantes inseridos nesse contexto encontram-se em uma situação econômica precária e excluídos dos contextos de trabalhos formais, sendo a reciclagem o único meio para obtenção de recursos para a sobrevivência (Silva, 2017).

No ponto de vista econômico, o mercado da reciclagem é caracterizado por um oligopsônio (Arantes & de Oliveira Borges, 2013; Bosi, 2008), ou seja, um mercado em que existem poucos compradores e muitos vendedores, estabelecendo-se assim uma competição imperfeita, onde os oligopsonistas detêm o poder de mercado e controlam os preços praticados. A cadeia produtiva da reciclagem pode ser exemplificada na Figura 1.

Figura 1- Modelo esquemático da cadeia produtiva da reciclagem na Região Metropolitana de Belo Horizonte



Fonte: Arantes & de Oliveira Borges (2013) – Adaptado de Aquino, Castilho e Pires (2009).

A partir da Figura 1, observa-se as duas formas principais de atuação dos catadores, sendo por meio de associações ou individualmente. Os catadores associados geralmente trabalham em cooperativas, a princípio, em condições mais organizadas de trabalho, sendo que as mulheres representam a maioria dos cooperados (Paiva, 2016). Já os que trabalham individualmente, exercem sua atividade por conta própria e em condições de trabalho ainda mais precárias e insalubres, visto que, utilizam carrinhos, carroças ou até mesmo sacolas, além do mais, enfrentam longas jornadas de trabalho, carregando o peso do material coletado por diversas localidades para conseguir os materiais recicláveis (Arantes & de Oliveira Borges, 2013; Bosi, 2008)

A precariedade do trabalho é caracterizada pelo trabalho mal remunerado, pouco reconhecido e que provoca um sentimento de inutilidade no trabalhador, além do mais, a ameaça do

desemprego, a restrição dos direitos sociais e à falta de perspectiva de crescimento profissional, são comuns em situações de precariedade (Medeiros & Macêdo, 2006). Em geral, as condições de trabalho dos catadores (cooperados ou individuais) são precárias e de alto risco, visto que, manuseiam manualmente os resíduos, sendo que, na maioria das vezes, os materiais não são separados adequadamente pela população, contendo produtos como agulhas, vidro, injeções, entre outros (Basso & Silva, 2020).

Na última década foi possível observar alguns estudos que procuram entender esse fenômeno no contexto nacional. Um estudo realizado por Demajorovic et al., (2014) buscou compreender o interesse de empresas em realizar a logística reversa proposta pela Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS) e os desafios para a integração entre as empresas e cooperativas. Outro estudo, buscou compreender a economia da reciclagem e o universo dos catadores, por meio de um estudo etnográfico realizado por Lima (2017) no Jardim Gramacho, considerado, no momento do estudo, o maior aterro sanitário da América Latina.

2.2 As formas de inclusão social dos catadores de materiais recicláveis

A falta de oportunidades e o desemprego compromete a obtenção da renda necessária para sobrevivência dos catadores, implicando, em muitos casos, a situações de vulnerabilidade, como inserção em atividades criminosas ou mendicância, consequentemente levando-as a processos de exclusão social. Os que optam por outros caminhos, buscam a atividade de catador de material reciclável como forma de sobrevivência e inclusão social (Singer, 2002).

Segundo Teixeira & Pereira (2011), a maioria dos catadores exercem sua atividade individualmente nas ruas ou em lixões, implicando em discussões em torno desse problema baseadas em normas subjetivas da sociedade, visto que, são discutidas diversas contradições sociais como pobreza, discriminação, precariedade de trabalho, ausência de direitos humanos, entre outras. Nesse sentido, o trabalho com o lixo é representado por características positivas ou negativas, embora, a relação dos catadores com o seu trabalho pode ser entendida em uma dialética de inclusão/exclusão, saúde/doença e orgulho/humilhação (Medeiros & Macêdo, 2006).

Geralmente as pessoas que trabalham com material reciclável têm baixo grau de escolaridade, dificultando a inserção em empregos formais (Kirchner et al., 2009). A ausência de exigências de aptidões para o ingresso em cooperativas, levou muitos excluídos a optarem por essa alternativa como forma de inclusão social (Braga et al., 2015). Além disso, um número significativo de catadores associados, já tinham laços familiares e amigos pertencentes a cooperativas, facilitando o processo de inclusão deles na atividade de separação de materiais recicláveis (Braga et al., 2018).

Os debates sobre inclusão buscam formas de reparar as desigualdades evidenciadas ao longo do desenvolvimento da sociedade. Segundo Gadotti (2009), o conceito da inclusão social é questionável:

O conceito de inclusão social é controverso. Não basta incluir. É preciso saber onde incluir. Não há solução se pensamos apenas na inclusão na sociedade que aí está. Incluir na esfera do capitalismo – que é um modo de produção essencialmente exclusivo – é uma contradição evidente. Estaríamos tentando resolver um problema criado pelo capitalismo por meio do próprio capitalismo. Na verdade, a inclusão social não é apenas social. Ela é, necessariamente, também uma inclusão econômica e tecnológica. Numa ótica transformadora, a inclusão com qualidade social deve

respeitar e valorizar as diferenças e, ainda, possibilitar maiores esperanças de emancipação (Gadotti, 2009, p25.)

Os movimentos dos catadores vêm proporcionando algumas conquistas nas últimas décadas, por exemplo, o reconhecimento como categoria profissional, oficializada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) em 2002 (Medeiros & Macêdo, 2006). A Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS), criada em 2010, instituída pela Lei Nº12.305, referenciam os catadores, sendo alguns pontos importantes da referida Lei:

Art. 6º: XII - integração dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos.

Art. 8º: IV - o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis.

Art. 15º e Art. 17º: V - metas para a eliminação e recuperação de lixões, associadas à inclusão social e à emancipação econômica de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis.

Um estudo realizado por Figueiredo et al. (2020), analisou a produção acadêmica no período entre 2002 e 2017, referente a inclusão sócio-produtiva dos catadores, identificando que geralmente as pesquisas buscam apresentar o contexto de trabalho dessa categoria, destacando diversos aspectos, sendo que na maioria das vezes são discutidos os objetivos de inclusão almejados pela PNRS.

Nesse sentido, os estudos comumente abordam a situação de vulnerabilidade e precariedade vivenciada pelos catadores. Por outro lado, essas características não são inerentes apenas a esse tipo de trabalho, mas também pela pouca aplicação factual das leis e políticas públicas desenvolvidas para os processos de inclusão social (Carvalho et al., 2020). O catador é incluso, porém, não recebe suas salvaguardas de maneira justa, como os demais cidadãos (Braga et al., 2015).

A inclusão dos catadores no mercado da reciclagem é desigual, visto os preços irrisórios que são comercializados os produtos pelas cooperativas aos pequenos depósitos e aparistas, permanecendo no elo mais fraco da cadeia, embora sua atividade seja essencial para a manutenção econômica da indústria recicladora (Carvalho et al., 2020). A sua integração é evidenciada pelo capital envolvido no negócio da reciclagem, embora a relação social de exploração sobre o seu trabalho não seja caracterizada por contratos formais (Bosi, 2008).

Nesse sentido, Ribeiro Vasconcelos et al. (2018) aponta a importância das pesquisas científicas para mapear e aprofundar o entendimento sobre as complexidades enfrentadas pelos catadores, contribuindo para a construção de ações e políticas públicas voltadas para a real inclusão desses trabalhadores, as quais devem considerar não só medidas econômicas, mas também as necessidades de vida e trabalho bem como a condição de moradia, saúde, lazer e educação.

2.3 O Discurso da sustentabilidade:

A preocupação com o meio ambiente é cada vez mais eminente, visto uma série de discussões que percorrem desde os anos 1960 até a atualidade. A discussão da sustentabilidade originou-se das contradições da forma linear de produção, consumo e descarte (Boulding, 1966). Logo,

o consumo se liga inextricavelmente a esse debate, visto que é algo indissociável da sobrevivência, não só humana, mas de todo o ciclo da natureza. Assim que algum bem (material ou natural) é consumido, ele se destrói, se esvai, ou se transforma (Sobrosa, 2010).

Na visão de Slater (2002), a cultura do consumo não foi apenas uma consequência das Revoluções Industriais e da modernidade cultural, mas também parte da própria construção do mundo moderno, caracterizado por um processo hegemônico de dominação do indivíduo, onde a realidade é baseada no mundo dos objetos materiais e interesses, essenciais tanto para as necessidades quanto para encontrar um *eu* inclusivo

Faria (2014), acredita que uma Teoria Crítica da Sustentabilidade deveria se fundamentar na busca incessante das contradições sociais esquecidas a um plano secundário da teoria tradicional, buscando identificá-las com a finalidade fundamentada na compreensão daquilo que foi obscurecido por tal teoria ou ideologia. O autor complementa que essa visão crítica não se posiciona contrariamente às medidas que visam verdadeiramente a sustentabilidade, mas que busca apontar os seus limites, problemas e contradições.

Uma das contradições é evidenciada pela significativa quantidade de resíduos sólidos produzidos no Brasil (muitas vezes impulsionada pela cultura de consumo) e pouca reciclagem, sendo que os obstáculos e os custos para disposição correta dos resíduos também aumentam constantemente (Pereira & Teixeira, 2011). Outra contradição é a emergência da figura de catador ligada aos movimentos ambientalistas, de forma a promovê-lo, muitas vezes de forma romantizada, como um agente ambiental (Bortoli, 2003).

Na visão de Rattner (1999) o conceito de sustentabilidade deve transcender o exercício analítico de explicar a realidade, exigindo coerência lógica e aplicações práticas do conceito, de modo a transformar a realidade objetiva:

Os atores sociais e suas ações adquirem legitimidade política e autoridade para comandar comportamentos sociais e políticas de desenvolvimento por meio de prática concreta. A discussão teórica, portanto, revela uma luta disfarçada pelo poder entre diferentes atores sociais, competindo por uma posição hegemônica, para ditar diretrizes e endossar representações simbólicas de sustentabilidade, seja em termos de biodiversidade, sobrevivência do planeta ou de comunidades autosuficientes e autônomas (Rattner, 1999, p.233-234).

Desta forma, o discurso oficial da sustentabilidade é caracterizado pelo cumprimento dos acordos oficiais, regulamentações impostas pelos diversos encontros mundiais e medidas governamentais para o desenvolvimento sustentável. Os apoiadores deste discurso (politicamente pragmático), acreditam que o sistema capitalista é capaz de se adaptar as exigências ambientais, por meio de tecnologias “limpas”, contenção do crescimento populacional e processos ecologicamente orientados. Por outro lado, o discurso interpretativista se aproxima com os princípios da democracia participativa, equidade social e desconfia da capacidade do mercado. Além disso, os apoiadores do discurso interpretativista se subdividem em duas vertentes: a primeira desconfia da ação política estatal e defende a subordinação do Estado à sociedade civil; a segunda, defende a intervenção estatal como caminho de transição para a sustentabilidade (Lima, 2003).

Nesse sentido, a integração dos catadores no conceito da sustentabilidade acaba se tornando discursos para disfarçar a realidade, visto que, muitos desses catadores desenvolvem sua atividade não necessariamente por uma preocupação ambiental (embora tenham consciência

ambiental), mas sim pelos processos assimétricos característicos de um contexto de desigualdade social (de Oliveira Tavares, 2013).

3. Metodologia

Para compreender a efetividade das políticas públicas em relação às desigualdades sociais de indivíduos que trabalham com material reciclável foi utilizada a abordagem qualitativa, sendo realizada a pesquisa de campo em uma cooperativa de materiais recicláveis no município de Piracicaba-SP. A técnica de coleta de dados foi por meio de uma entrevista semiestruturada, aplicada a 7 sujeitos de pesquisa.

Antes da efetiva realização das entrevistas foi feita uma visita prévia na cooperativa, a qual possibilitou o conhecimento geral das atividades realizadas por meio de uma conversa informal com uma cooperada que atua desde a fundação da cooperativa. Nesta conversa prévia também foram apresentados os objetivos deste estudo e as devidas medidas para a prevenção do anonimato dos entrevistados. A partir disso, a cooperada autorizou a segunda visita na cooperativa para conversar com a Presidente que não estava presente no primeiro encontro.

Na segunda visita foi possível conversar com a Presidente da cooperativa, onde foram apresentados os objetivos da pesquisa e o roteiro da entrevista, sendo permitida a realização no mesmo dia. Os sujeitos de pesquisa foram selecionados pelos próprios cooperados e antes da gravação do áudio, foram apresentados os objetivos do estudo a cada participante. Além disso, foi solicitado a possibilidade da gravação, sendo informado também a preservação do anonimato dos participantes. Todos os sujeitos de pesquisa concordaram com a gravação do áudio e participação no estudo.

O método utilizado para a análise dos dados foi a análise de discurso. Segundo Fairclough (2002) a análise do discurso pode ser realizada a partir de uma concepção tridimensional, composta por: texto, prática social e prática discursiva. Nessa perspectiva, o procedimento da análise textual pode ser organizado pelo vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Já a prática discursiva e prática social fazem parte da interpretação dos discursos.

4. Análise e Discussão dos Resultados

Com a finalidade da preservação do anonimato das empresas citadas nos discursos, serão utilizados os nomes “Empresa X” para a responsável pela coleta de resíduos domiciliares no município desde 2012 e “Empresa Y” para referenciar a empresa que promove o acesso à moradia digna e segura para famílias de baixa renda. O anonimato da cooperativa de materiais recicláveis e dos entrevistados também será preservado.

A Cooperativa atua desde o início dos anos 2000, sendo a pioneira na coleta de materiais recicláveis do município. Atualmente, conta com aproximadamente 45 cooperados, sendo a maioria mulheres. O surgimento da cooperativa coincidiu com o mesmo período em que foi fundado o MNCR, acompanhando todo o processo de desenvolvimento do movimento cooperativista dos catadores de materiais recicláveis, alcançando conquistas importantes, como a melhoria na infraestrutura realizada em 2018, pela Prefeitura.

A partir dos dados sócio-demográficos obtidos, foi possível observar que a maioria dos entrevistados tem baixo grau de escolaridade, sendo que apenas um deles concluiu o ensino médio. Tal fato coincide com o que foi apresentado por Kirchner et al. (2009), o qual mostrou

que os catadores geralmente não concluem seus estudos básicos, gerando dificuldade na inserção em mercado de trabalho formal. Em relação ao gênero dos sujeitos de pesquisa, seis são mulheres e apenas um homem, confirmando o que foi relatado em Paiva (2016) que apontou que a maioria das pessoas que trabalham em cooperativas são mulheres.

Tendo em vista o fator idade, a maior foi 56 anos e a menor 20 anos, sendo a média dos entrevistados 32 anos. A renda obtida na cooperativa é baixa, em média um salário-mínimo. Segundo Kirchner et al. (2009), em geral os associados a cooperativa têm uma idade predominante entre 30 e 60 anos, devido à baixa escolaridade ou dificuldade de inserção no mercado formal. Já em relação renda, os resultados confirmaram a baixa renda da maioria dos entrevistados, conforme pontuado por Bosi (2008) Arantes & de Oliveira Borges (2013), tal fato pode ser explicado em partes, pelos materiais serem vendidos a preços baixos para os aparistas e pequenos depósitos.

Em relação à moradia dos sujeitos de pesquisa, dois moram em comunidades (favelas), dois moram em casas populares, dois moram em casa alugada e dois moram em casa própria. Conforme visto em Carvalho et al. (2020) a condição de moradia é outro fator que evidencia a desigualdade social enfrentada por esses indivíduos, principalmente os catadores individuais que estão em condições socioeconômicas mais complicadas, visto que muitos deles moram nas ruas, em lixões ou trocam o dinheiro recebido pelos materiais recicláveis coletados pela *pernoite* oferecida pelos pequenos depósitos ou sucateiros. Por outro lado, os catadores associados têm acesso a moradia (seja por aluguel ou por programas do governo), embora alguns ainda não consigam esse acesso, sendo exemplificado nos trechos:

E2: “Não tem saneamento básico ainda, não é urbanizado ainda não. Então, bem no meio da comunidade mesmo.”

E5: “Eu moro em uma comunidade. É favela mesmo.”

E7: “É casa da Empresa Y, pago ela por mês.”

Muitos cooperados ficaram sabendo das oportunidades de trabalho na cooperativa por pessoas próximas ou familiares que já trabalhavam na cooperativa. Segundo Braga et al. (2015), os motivos de ingresso na cooperativa são a ausência de pré-requisitos ou aptidões especializadas. Além disso, os vínculos familiares e sociais influenciam a inserção na cooperativa conforme visto em Braga et al. (2018), isso fica mais claro nos seguintes trechos:

E1: “Eu fui trabalhar registrado, mas como que a minha família já vem (pausa). Desde pequena sou acostumada a mexer com reciclagem. Meu pai, minha mãe. Aí meus irmão tudo trabalha. Aí eu não consegui me adaptar em nenhum outro serviço. Que eu gosto (pausa) de trabalhar com reciclagem.”

E2: “Uma vizinha minha que me indicou, me trouxe aqui. Que ela já trabalhava aqui.”

E3: “Então, foi uma amiga da minha mãe que me indicou aqui. Aí eu vim fazer uma entrevista e comecei a trabalhar.”

Tendo em vista os pontos positivos de se trabalhar na cooperativa, foi possível observar no discurso dos entrevistados a flexibilidade do trabalho, autonomia e possibilidade de obter o sustento necessário para a sobrevivência como principais vantagens. Por outro lado, houve discursos que demonstraram maior envolvimento com a cooperativa, explicitando as conquistas obtidas durante os últimos anos, tais discursos vão de encontro aos princípios da Economia

Solidária relacionados ao contexto de cooperativas de reciclagem conforme apresentado por Singer (2002) e que ficam mais evidenciados nos trechos:

E1: “Cresceu muito. A gente não tinha essa estrutura, antes era outra estrutura. A gente conseguiu caminhão, carro, uma máquina. Cresceu e evoluiu bastante, em vista que era antes. Antes nois puxava os *bag*, era mais mulher e menos homem, e era mais nois que fazia o serviço, era muito pesado. Agora melhorou bastante em vista de antes. Era nois que descarregava caminhão, era nois que puxava *bag*, se faltava alguém da prensa era nois que ia. Melhorou muito, muito, muito! Evolui bastante! Foi muita luta, mas conseguimos.”

E2: “Não tem muita rigidez igual em firma de carteira assinada. É rígido assim, tem suas obrigação, tem que fazer tudo certo, mas não é igual firma de carteira assinada.”

E3: “Os pontos positivo é que consigo ajudar em casa né? Pagar minhas coisas que tem pra pagar, as contas.”

E7: “É que a gente não tem patrão. Mas a gente sabe os dever que a gente tem que ter. Eu mesmo mexo com a venda e também faço outro tipo de trabalho. Então você sabe o que cada um tem, a sua obrigação, mas sabe que a gente é o dono. Então a gente sabe qual é o nosso direito, eu sei qual é o meu, cada cooperado que tá aqui sabe o que é. Quanto mais a gente faz pra melhorar, pra trabalhar, pra gente é melhor, por equipe né?”

Uma descoberta importante que foi possível identificar no discurso dos sujeitos de pesquisa ao serem questionados sobre os pontos negativos de trabalhar na cooperativa, foi o apontamento da redução na quantidade de material reciclável coletado e recebido, o que compromete diretamente a renda desses trabalhadores, visto que existe proporcionalidade entre a renda e a produção, ou seja, quanto mais material a cooperativa recebe maior a quantidade comercializada e maior a remuneração econômica, isso fica mais bem evidenciado nos seguintes trechos:

E2: “Ai os pontos negativos é mais os material que tão vindo pouco agora. Aí ta dando menos produção pra nois.”

E6: “O negativo é que a gente ultimamente tamo sem material pra trabalhar. A falta de material. Tem dia que quando é 16:00 a gente tem que parar porque a gente ganha por produção, então pra gente não é legal se a gente parar as 16:00, a gente tem que fazer até as 17:00 pra poder ter um salário bão. Tem dia que a gente toda sexta-feira agora, a gente não tá trabalhando na sexta pra poder acumular pra semana, porque se não a gente fica sem material pra trabalhar [...]”

Em alguns discursos foi possível detectar a atribuição da redução de material, em partes pela parceria público-privada (PPP) estabelecida em 2012 pela Prefeitura e a Empresa X, na qual substituiu a destinação dos resíduos que eram enviados para um aterro sanitário localizado no bairro Pau Queimado (desativado em 2007) e cidade de Paulínia (após a desativação do aterro Pau Queimado), para uma central de tratamento construída a partir da PPP, sendo a Empresa X a terceirizada responsável pela coleta dos resíduos domiciliares do município.

Anteriormente a Cooperativa, com o apoio da Prefeitura, era a responsável pela coleta de material reciclável, mas com a entrada da Empresa X, esse trabalho foi dividido e a cooperativa passou a depender dos materiais coletados e enviados pela empresa contratada. Embora a Cooperativa tenha 2 caminhões fornecidos pela Prefeitura para a realização da coleta, a

terceirização pode ter afetado na separação feita pela população dos resíduos domiciliares, o que fica evidenciado no trecho:

E1: “É que antes a cooperativa que fazia a coleta. E aí, como passou a empresa X, aí. Igual hoje, a gente foi fazer coleta lá no Jupia. Tinha bastante material misturado ainda. Tipo, elas não tem mais aquelas confiança de separar certinho, porque antes elas fazia tudo certinho. Tinha população que lavava os material, entregava limpinho. Hoje em dia elas não faz, perdeu a confiança. Vai ser difícil de conquistar tudo de novo.”

Outra atribuição relacionada à redução do material reciclável observada nos discursos dos sujeitos de pesquisa, foi o desemprego, que aumentou ainda em decorrência da pandemia, o qual levou muitas pessoas a exercer a atividade de catador individual nas ruas como forma de obtenção de renda para a sobrevivência, isso pode ser caracterizado nos trechos:

E2: “Muita gente catando né? Tem muitos anônimos, muitas pessoas catando material com essa pandemia aí. Muita gente tá catando material na rua também.”

E7: “Eu acho que aumentou muito mais foi por causa dessa bença desse coronavírus e muita gente desempregada. É um motivo.”

A utilização do corpo como objeto de trabalho conforme visto em Basso & Silva (2020) gera danos na saúde desses indivíduos. Os discursos dos sujeitos de pesquisa apontaram dificuldades não no sentido de esforço e utilização do corpo, mas sim pela forma que chegam os materiais na cooperativa. Tal fato foi comumente explicitado nos discursos que associam os materiais hospitalares e mistura de lixo orgânico com material reciclável como principais dificuldades, isso fica mais evidentes nos trechos:

E1: “A dificuldade é que vem muito lixo no meio. Agulha. Uma moça furou o dedo com agulha, que eles mistura muito. Eu já também. Eles mistura, não tá nem aí. Nada!”

E2: “Tem muitas pessoa que num conhece a reciclagem direito, não sabe o que é material reciclável. Mistura muito com material orgânico, com lixo, com rejeito, agulha de injeção. É muita coisa misturada, isso que dificulta muito.”

Entre os entrevistados, alguns exerceram e/ou exercem coleta na rua ou tem alguém próximo que realiza a atividade. Quando comparados aos catadores individuais, alguns discursos apontaram o trabalho na rua como mais difícil de se realizar. Além de enfrentar o peso, distâncias e condições climáticas, os catadores individuais geralmente estão em condições econômicas e sociais ainda mais precárias. Conforme apresentado por Arantes & de Oliveira Borges (2013), o material reciclável coletado é vendido a preços irrisórios aos aparistas e pequenos depósitos.

E1: “Na rua é mais sofrido né? Nois mesmo puxa *bag* na rua. O sol, chuva. É bem mais sofrido na rua, bastante.”

E2: “É mais difícil. É difícil, é muito pouco o que recebe. O que coleta na rua, vai vender dá muito pouco.”

E7: “A maioria dos catadores avulso se você for vê, são pessoas que precisam da renda todo dia, vamos supor, que está com mais dificuldades, vamos dizer assim.”

Em relação ao significado atribuído a trabalhar com material reciclável, os discursos apresentaram pontos em comum, principalmente relacionados à preocupação ambiental e construção familiar, sendo evidente nos trechos a seguir:

E1: “Ai, muito! Eu e meus irmão, nois somos quatro comigo. Fomos tudo criado, meu pai e minha mãe trabalhou num aterro sanitário, então nois crescemo com isso e eles conseguiram criar nois. E tudo nois mexe com isso, tudo, nois quatro. Tem um irmão meu que trabalha aqui e mais duas cunhada, que trabalha aqui também.”

E5: “É bom que ajuda no meio ambiente né? E eu gosto de trabalhar aqui.”

E7: “No começo era mais pra tirar a minha renda mesmo e sustentar os meus filhos. Hoje em dia eu sei da importância do trabalho que eu faço pro meio ambiente, e pra natureza, e por tudo. Hoje em dia eu tô mais aqui por que eu gosto do que eu faço, e eu sei o que a gente tá fazendo aqui, principalmente eu, é um trabalho mínimo, mas já ajuda muito mais pra frente.”

O significado relacionado ao meio ambiente foi examinado por de Oliveira Tavares (2013), apresentando relações da consciência ambiental da comunidade dos catadores. Por outro lado, esses discursos são utilizados em outros contextos, de forma romantizada, conforme visto em Bortoli (2003) e Rattner (1999), podendo ditar discursos hegemônicos de poder e representações simbólicas do trabalho realizado pelos catadores com o conceito de sustentabilidade

Embora os indivíduos tenham consciência ambiental, isso não implica necessariamente como fator preponderante para a inserção deles no contexto do trabalho com material reciclável. Muitos, ali estão, devido à ausência de oportunidades nos mais variados níveis estruturais da sociedade, evidenciados pela construção social assimétrica caracterizada pelo regime capitalista, que impulsiona as desigualdades sociais. No sentido de inclusão social, visto em Gadotti (2009), esses indivíduos são inclusos, porém, em um sistema capitalista que é desigual por si só.

Nesse sentido, os catadores são inclusos nas cooperativas, porém, fazem parte do elo vulnerável da cadeia. A ausência de direitos de cidadania, a pouca efetividade da aplicação das leis (por exemplo, a PNRS) que buscam inclui-los, a dependência de pequenos depósitos e grandes aparistas para realizar a comercialização dos produtos são algumas de muitas contradições evidenciadas na indústria recicladora. Por exemplo, foi evidente a percepção de falta de apoio dos políticos em relação a cooperativa explicitado nos seguintes trechos dos discursos dos catadores entrevistados:

E4: “Apoio deles? (risos) Acho que apoio, acho não tem não (risos). Tem uns aqui porque quer conversar e dar tipo ibope, por querer o voto. Mas de chegar e fazer acontecer aqui, não.”

E3: “Porque aqui nois num ganha da Prefeitura né? Aqui é o que nois vende aí é o que nois ganha. A prefeitura só paga o aluguel e a energia aqui das coisa. Aí tem outras cooperativa em outras cidade que já ganha uma rendinha por mês pelo trabalho de reciclagem. No meu pensamento acho que nois deveria também ganhar. Pelo trabalho que nois presta, tipo, pela cidade, cê entendeu?”

Em contrapartida, a Prefeitura realiza o pagamento dos custos referentes a conta de aluguel, água, transporte dos trabalhadores, porém, os cooperados acreditam que deveriam ser pagos pela prestação de serviço de coleta. Além disso, a estrutura da cooperativa era limitada, sendo

que apenas em 2018 conseguiram uma ampliação do espaço, melhoria dos sanitários e construção do refeitório. Tal fato mostra que mesmo com a criação da PNRS, o processo de integração, incentivo ao desenvolvimento das cooperativas e metas associadas à inclusão social e emancipação econômica dos catadores ainda evidenciam contradições.

No caso do município de Piracicaba/SP, a situação ficou mais complexa após a criação da central de tratamento, através da PPP. Seguindo o raciocínio de Rattner (1999), a terceirização da coleta dos resíduos caracteriza uma luta disfarçada com a cooperativa. Além disso, a competição entre os catadores devido ao aumento do desemprego, acaba vulnerabilizando ainda mais a categoria (sejam associados ou individuais).

Tendo em vista esse cenário, é importante que novos estudos sejam realizados, bem como Ribeiro Vasconcelos et al. (2018) apontou a necessidade de mapear e aprofundar o entendimento sobre as complexidades enfrentadas pelos catadores, buscando ações para realizar as melhorias reivindicadas pelos catadores. Não menos importante, a compreensão dos discursos dos catadores deve ser transformada em ação para a mudança factual da situação desses indivíduos, viabilizando emancipação dessa classe trabalhadora, mas marginalizada. Dado o contexto do estudo e o que foi explicitado nos discursos dos sujeitos de pesquisa, é imprescindível a necessidade de articulação dos diversos atores envolvidos no contexto de cooperação propostos pela economia solidária, pois esta permite à categoria unir forças, criar lideranças e vínculos entre cooperativas em prol das suas reivindicações.

5. Considerações Finais

Considerando o objetivo principal deste estudo, que buscou compreender a efetividade das políticas públicas para alcançar as metas de redução das desigualdades sociais enfrentadas pelos catadores, foi possível identificar que a percepção geral dos trabalhadores da cooperativa de materiais recicláveis de Piracicaba/SP é a falta de apoio político para reverter o quadro econômico precário em que se encontram. Embora a Prefeitura auxilie a cooperativa com despesas para manter a infraestrutura do espaço utilizado para realização das atividades, notou-se que os sujeitos de pesquisa ainda sentem a necessidade da remuneração justa pagamento pelo serviço prestado.

Além disso, evidenciou-se nos discursos a preocupação dos cooperados em relação à redução da quantidade dos materiais recicláveis que chegam na cooperativa, comprometendo ainda mais a renda desses indivíduos. Observou-se também que os cooperados sentem como principal dificuldade a separação inadequada dos resíduos, atribuindo tal fato a entrada da empresa terceirizada da coleta da região, que de certa forma alterou a logística da coleta dos materiais recicláveis, podendo ter impactado nos hábitos de separação da população.

Ademais, foi possível observar que os princípios da Economia Solidária contribuem para o fortalecimento do movimento cooperativista dos catadores de material reciclável, em razão da percepção de importância do trabalho em equipe, ausência do empregador e autonomia nas tomadas de decisão, sendo os principais pontos positivos. Logo, o estudo contribui com a compreensão da situação atual dos cooperados e permitiu aprofundar o entendimento do cooperativismo no contexto das cooperativas de materiais recicláveis.

Além do mais, os entrevistados demonstraram orgulho ao falar do trabalho realizado e suas contribuições relacionadas ao meio ambiente. Tal fato, não deve ser confundido com discursos

romantizados relacionando os catadores como agentes ambientais no contexto da sustentabilidade, visto que, muitos estão ali devido ao processo assimétrico em que a sociedade se consolidou. Portanto, é necessário que as políticas públicas apliquem factualmente o que é proposto nos objetivos de desenvolvimento sustentável, promovendo a minimização das desigualdades sociais e emancipação desses indivíduos.

Vale ressaltar, que esse estudo se limitou em compreender a realidade dos catadores que já estão inclusos em uma cooperativa, sendo que a percepção de catadores que trabalham individualmente nas ruas pode divergir dos discursos apresentados no contexto deste estudo. Recomenda-se que pesquisas futuras explorem a realidade dos catadores individuais que trabalham de forma autônoma nas ruas e também envolvam outros atores, como o poder público, empresas e intermediários (pequenos depósitos, aparistas e indústria recicladora), as quais permitirão uma visão aprofundada e holística da cadeia de reciclagem, visto que, a preocupação com gerenciamento dos resíduos sólidos e logística reversa são cada vez mais debatidos na sociedade, mas sem mudanças factuais contundentes.

Referências

- Arantes, B. O., & de Oliveira Borges, L. (2013). Catadores de materiais recicláveis: cadeia produtiva e precariedade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 319-337.
- Basso, C., & Silva, I. M. M. (2020). 'Já me acostumei': interfaces entre trabalho, corpo e saúde de catadores de materiais recicláveis. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18.
- Bhowmik, S. (2002). As cooperativas e a emancipação dos marginalizados: estudos de caso de duas cidades na Índia. *SINGER, Paul; SETHI, Harsh; KLUG, Heinz; NAVARRO, Zander. Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.*
- Bortoli, M. A. (2013). Processos de organização de catadores de materiais recicláveis: lutas e conformações. *Revista katálysis*, 16, 248-257.
- Bosi, A. D. P. (2008). A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis. *Revista Brasileira de ciências sociais*, 23, 101-116.
- Bottomore, T. (1988). *Dicionário do pensamento marxista*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Boulding, K. (1966). "The Economics of Coming Space-ship Earth". In: *Environment Quality in a Growing Economy*. Baltimore, John Hopkins
- Braga, N. L., Lima, D. M. A., & Maciel, R. H. (2015). "Não tinha trabalho, mas tinha reciclagem": Sentidos do trabalho de catadores de materiais recicláveis. *Temas em Psicologia*, 23(4), 1051-1059.
- Braga, N. L., Maciel, R. H., & Carvalho, R. G. D. (2018). Redes sociais e capital social de catadores associados. *Psicologia & Sociedade*, 30.
- Brasil. Lei Nº 12.305 de 02 de agosto de 2010 - Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm

- Carvalho, I. F., Maciel, L. B., & Gomes, A. V. M. (2020). Direito à moradia: uma utopia para os catadores de resíduos sólidos na cidade de Fortaleza-Ceará. *Revista de Estudos Empíricos em Direito*, 7(1), 28-49.
- de Oliveira Tavares, A. (2013). O trabalho dos catadores da associação Engenho do Lixo: entre a necessidade econômica e o discurso da consciência ambiental. *Cadernos Gestão Social*, 4(1), 117-133.
- Fairclough, N. (2001). Discurso e mudança social. (Coordenação da trad.) Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001
- Faria, J. H. (2014) Por uma teoria crítica da sustentabilidade. *Organizações e Sustentabilidade*, Londrina, v. 2, n. 1, p. 2-25, jan./jun.
- Figueiredo, F. F., da Costa Silveira, R. M., & da Silva, P. V. O. (2020). A Produção acadêmica sobre a inclusão sócio-produtiva de catadores de recicláveis no Brasil. *GEOgraphia*, 22(48).
- Gadotti, M. (2009). Economia solidária como práxis pedagógica. São Paulo: Instituto Paulo Freire
- Gaiger, L. I. (2013). A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28, 211-228.
- Kirchner, R. M., Saidelles, A. P. F., & Stumm, E. M. F. (2009). Percepções e perfil dos catadores de materiais recicláveis de uma cidade do RS. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 5(3).
- Lima, G. D. C. (2003). O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. *Ambiente & Sociedade*, 6(2), 99-119.
- Magni, A. A. C., & Günther, W. M. R. (2014). Cooperativas de catadores de materiais recicláveis como alternativa à exclusão social e sua relação com a população de rua. *Saúde e Sociedade*, 23, 146-156.
- Medeiros, L. F. R. D., & Macêdo, K. B. (2006). Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? *Psicologia & Sociedade*, 18, 62-71.
- Paiva, C. C. (2016). Mulheres catadoras: articulação política e ressignificação social através do trabalho. *Ideias*, 7(2), 151-174.
- Pereira, M. C. G., & Teixeira, M. A. C. (2011). A inclusão de catadores em programas de coleta seletiva: da agenda local à nacional. *Cadernos EBAPE. br*, 9, 895-913.
- Pontes, D. R. (2004). Configurações contemporâneas do cooperativismo brasileiro: da economia ao direito. *Revista de Direito Cooperativo e Cidadania*, 1, 89-112.
- Rattner, H. (1979). Planejamento e bem-estar social (Vol. 152). Editora Perspectiva.
- Rattner, H. (1999). Sustentabilidade - uma visão humanista. *Ambiente & Sociedade* - Ano II – n. 5

- Ribeiro Vasconcelos, J. P., Ferreira Guimarães, S. M., & Bacellar Zaneti, I. C. B. (2018). Condições de vida de catadores de resíduos sólidos recicláveis: revisão integrativa da literatura. *Sustainability in Debate/Sustentabilidade em Debate*, 9(1).
- Silva de Souza Lima, N., & Mancini, S. D. (2017). Integration of informal recycling sector in Brazil and the case of Sorocaba City. *Waste Management & Research*, 35(7), 721-729.
- Silva, S. P. (2017). A organização coletiva de catadores de material reciclável no Brasil: dilemas e potencialidades sob a ótica da economia solidária. *Texto Para Discussão*. http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29271
- Singer, P (1975). Curso de introdução à economia política. Forense-Universitária.
- Singer, P. (2002). *Introdução à economia solidária*. Fundação Perseu Abramo.
- Slater, D. (2002). Cultura do consumo & modernidade. São Paulo: Nobel
- Sobrosa, C. (2010). Consumo cultural, possibilidades de análise—alguns tópicos para reflexão. *Encontro de estudos multidisciplinares em cultura*. 3, 132-153